



## Sobre inundações, ou a importância do urbanismo

Jornal da Universidade / 5 de junho de 2024

### Artigo | Docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Leandro Andrade reflete sobre o momento atual e sugere pensar cidade e ambiente como sistema indissociável

\*Por Leandro Andrade

\*Foto: Marcelo Pires/UJ

Não é por acaso que as cidades surgem, ao longo de toda a história conhecida da civilização, por mais de cinco mil anos, nas margens de rios, lagos e mares. E todos sabem que a água é um dos elementos essenciais, juntamente com o ar e o acesso às fontes de alimentos, à vitalidade humana. Sem água, simplesmente não existiríamos. Da mesma forma, não existiríamos sem as matas e campos. Ou sem abelhas e pássaros e os ventos e chuvas que fertilizam a terra. O que significa que nossa relação com os recursos naturais, necessários para nossa reprodução e permanência – e aqui interessa destacar, justamente, a questão das águas – são essenciais, também, à emergência histórica da cultura humana.

Nossa relação íntima com a água, portanto, não é apenas uma questão de sustentação biológica, mas também estética e ética. Cidades à beira d'água são aprazíveis e belas. Nos melhores exemplos, mundo afora, são lugares em que desejamos viver (ou, ao menos, visitar), porque essa proximidade é fonte de prazer, proximidade social e conforto emocional.

Ainda assim, cidades à beira d'água sempre existiram, e resistiram, face ao conflito e o risco. Se pensamos em Veneza, por exemplo, talvez a mais potente imagem da relação cidade-águas que se possa recordar, sabe-se da aventura que foi construir uma cidade, ao longo de séculos, nas águas do Adriático. Sabe-se, também, dos esforços e avanços tecnológicos necessários para que a cidade continue a existir (seja como lar dos venezianos, seja como endereço turístico dos mais cobizados). Mas ninguém imagina "abandonar" Veneza. Muito antes, o que se deseja é que Veneza exista para sempre, como obra prima do engenho humano.

Por aqui, no sul do Brasil, de onde enxergo, em primeira mão, o mundo ao meu redor – sou morador do Centro Histórico de Porto Alegre – me descubro em palpos de aranha. As águas do Guaíba, rio ou lago (e esta polêmica pode esperar um pouco) subiriam, como era esperado que subissem, seja pelos longos ciclos de cheias que trazem à memória a enchente de 1941 (razão última, enfim, da implantação do sistema de defesa formado por diques e casas de bombas, incluindo o muito questionado muro da Avenida Mauá), seja pelo alerta urgente quanto às mudanças climáticas planetárias que apenas negacionistas fanáticos ainda teimam em não reconhecer, e que episódios recentes da nossa breve história muito bem situam.

Como efeito mais ou menos esperado da pandemia, todos nós nos tornamos especialistas em virologia, pneumologia e saúde pública, por exemplo. Tornamo-nos, também, além de vítimas da catástrofe que atingiu o planeta inteiro, alvos de notícias falsas que transitaram pelas redes sociais sem nenhum pudor.

No Brasil, em especial, fomos também vítimas de um negacionismo fanático. E descobrimos que, entre ingênuos e maldosos, milhões de brasileiros só acreditam, ou fingem acreditar, no que lhes chega através dos seus computadores e celulares. Tornamo-nos, pois, como nação, mentirosos ou reprodutores de mentiras.

*Agora vivemos, no Rio Grande do Sul, outra catástrofe, climática, econômica, sanitária, humanitária, e, de modo célere, estamos nos tornando especialistas em meteorologia, climatologia, hidrologia. E, uma vez mais, à mercê das fake news bem urdidas e, eventualmente, acidentais.*

Obviamente, o acesso à informação é essencial, sempre e, sobretudo, neste momento em que vivemos a incerteza em relação a quase tudo que nos cerca. Neste mesmo momento, e pelas mesmas razões, é preciso uma leitura crítica e cuidadosa. Redes sociais, embora nos aproximem, não são imediatamente fontes confiáveis de informação. E é preciso muito cuidado diante de uma avalanche de notícias: muitas delas corretas, outras equivocadas. Algumas, sem meias palavras, criminosas.

Quanto às informações que tomamos como oficiais, que nos chegam por fontes institucionalmente confiáveis, surge outro tipo de preocupação: em particular, quanto a algumas intenções políticas que repercutem na opinião pública.

Felizmente, a reação de instâncias científicas, sobretudo do IPH-UFRGS, parece ter impedido a possibilidade de uma insanidade potencialmente catastrófica sem os estudos detalhados que um projeto assim exigiria: a abertura de um canal entre Lagoa dos Patos e o oceano. Mas, neste afã de respostas a perguntas nem sempre bem formuladas, duas outras questões me inquietam muitíssimo.

Primeiramente, a notícia de uma consultoria internacional que surge como panaceia em meio ao caos. Não sei como é possível contratar uma consultoria que, seguramente, não é de graça. Não sei que amparo legal há para tornar isso uma verdade midiática. Mas, pelo que foi noticiado, trata-se de uma consultoria jurídica que, se concretizada, buscará desenvolver o quadro de incertezas com o qual nos deparamos. Tenho muitíssimo respeito ao campo do direito, como filosofia aplicada e ponta de lança ética que alcança a sociedade como um todo. Mas, por aqui, não faltam juristas com grande autoridade e excelentes advogados.

A segunda questão – talvez a que mais me mobilize aqui – diz respeito à ideia de construir "cidades provisórias" como solução emergencial em acolhimento a milhares de pessoas que perderam suas casas. Bem, para começar, não entendo o que significa a expressão "cidades provisórias", porque isso agride o próprio sentido da palavra cidade. Toda ocupação humana do território, na escala urbana, exige sistemas de infraestrutura (água, esgoto, energia elétrica) e comunicação (mobilidade, informação).

*Não podemos cair na armadilha de construir lugares precariamente estruturados. Lugares "provisórios" tendencialmente permanentes. Favelas planejadas! Não podemos criar novos guetos onde as pessoas, além das presumíveis carências infraestruturais desses novos endereços, sejam estigmatizadas ainda mais por sua condição social.*

O papel da Universidade Pública, mais do que nunca, é fundamental. Os colegas do IPH têm sido, desde a primeira hora, protagonistas fundamentais, seja no plano das previsões do comportamento das águas, seja apontando possíveis modos de operar soluções a partir de agora. Sem romantismo, sem politicagem. Com muita seriedade. Mas os urbanistas estamos muito calados. Provavelmente, envergonhados. Eu estou!

Ao longo de mais de 35 anos, me dedico ao ensino do Urbanismo e, na prática pedagógica do projeto urbanístico, sempre buscamos trabalhar (juntamente com os professores Paul Nygaard e João Rovati, em diferentes períodos) questões em que cidade e ambiente fossem pensados como um único e indissociável sistema.

Por muitos anos, nosso foco esteve nas cidades de Eldorado do Sul, Barra do Ribeiro e Tapes, próximas a Porto Alegre e, tendo, entre muitas diferenças em seus processos de ocupação territorial, a condição comum da relação cidade-águas. Nossa abordagem, nos limites pedagógicos, sempre buscou o alerta e a necessidade de soluções projetuais com capacidade de resposta aos conflitos dessa proximidade. Conflitos que são potências e soluções.

Sei perfeitamente que tudo o que aprendi nesse largo tempo, meus acertos e meus muitos erros, não são suficientes para o projeto para o qual a realidade nos convoca. Mas a catástrofe que estamos vivendo, trazendo forças do momento impensável que ora passamos, deve ser motivação a um urbanismo sustentável, na busca de uma urbanidade menos desigual.

Talvez, se pudessemos nos unir na perspectiva de um projeto que seja operativo, buscando aprender da história das cidades e do urbanismo, entrelaçando-a com os saberes de muitos campos, para criar ou recriar cidades justas e belas? Oxalá não nos contentemos com soluções pela metade, puramente "emergenciais". Que tenhamos a força para pensar e projetar possibilidades concretas, capazes de romper a descrença e responder afirmativamente a um cenário que não é, simplesmente, resultado de acasos climáticos. Talvez, então, tenhamos perseverança e coragem para acreditar e agir com responsabilidade quanto ao nosso papel diante do nosso futuro.

Leandro Marino Vieira Andrade é professor do Departamento de Urbanismo da UFRGS.

*"As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo."*

### :: Posts relacionados



O sistema de proteção contra inundações de Porto Alegre



Cheias: precisamos recuperar a vegetação em metade das margens de rios



Carta aos leitores | 05.06.24



Receita catastrófica: desmonte do Estado com mudanças climáticas

### INSTAGRAM

jornaldauniversidadeufrgs  
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow



View on Instagram

### REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS  
SECOM

UFRGS

### CONTATO

Jornal da Universidade  
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |  
Bairro Farrroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:  
90040-060

WhatsApp (51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br